

Marcelo Rocha
Da equipe do **Correio**

"Viver é perigoso"
(João Guimarães Rosa, Grande
Sertão Veredas)

O CANTEIRO DE OBRAS É
A CORDA-BAMBA. NE-
LA, EQUILIBRAM-SE AS VIDAS
DE JOÕES, MARIAS, JOSÉS E
TANTOS OUTROS. NÃO SE AD-
MITE O VACILO, POR MENOR
QUE ELE SEJA. DO CONTRÁ-
RIO, GANHAM-SE SEQÜELAS
PARA O RESTO DA VIDA, PER-
DE-SE A PRÓPRIA VIDA. TRA-
BALHAR TAMBÉM É PERIGOSO.

"Quando ele foi subir, o andaim tocou no fio de alta tensão", relata Joaquim Alves Borges, 35 anos, ao recordar os últimos momentos da vida do colega Reginaldo José de Abreu, 20 anos, na construção de um prédio comercial na QI 03, do Guará I. O pedreiro atribui à fatalidade a morte do colega de trabalho. "Foi um acidente."

Reginaldo é um dos quatro operários que morreram neste ano nos canteiros de obra do Distrito Federal. Para os que ficam, o medo. Mas a certeza de que é preciso prosseguir na luta. "Éramos quatro ali na hora e aquilo podia ter acontecido com qualquer um de nós", completa.

A construção civil, um dos setores que mais movimenta a economia em Brasília, é também o que mais mata. Os números disponíveis mostram que, nos últimos dois anos, o segmento contribuiu, em média, com 77% dos acidentes fatais. Em 2000, esse percentual atinge 80%.

Por pouco, Francisco de Assis Rodrigues, 41 anos, não engrossa a estatística no mês passado. O ajudante de servente confessa ter sido vítima do conhecimento mínimo que detém sobre riscos no trabalho, mas não deixa de imputar ao empregador uma parcela de culpa. "Ninguém (o patrão) se preocupa em explicar o perigo que a gente corre", revolta-se.

Noite de um sábado em fevereiro. Francisco cobria a folga de um vigia em uma obra de pavimentação no Plano Piloto. Ele notou que os sinalizadores precisavam de combustível. Com a escuridão do lugar, não percebeu que havia confundido os galões — pegou gasolina e não óleo diesel. Ao abastecer as latas no chão, o fogo subiu, queimando partes do corpo.

Preocupado com o sustento dos filhos, o operário não deixou o local. Mesmo queimado, esperou até às 6h da manhã do outro dia pelo outro vigilante. Só então procurou socorro. "Fiquei mais de mês internado e ninguém da empresa veio me

visitar, ver se eu precisava de alguma coisa", queixa-se o trabalhador, que teve queimaduras de 2 e 3º graus nas pernas e braços.

Francisco agora recupera-se em casa. Mas vive na incerteza. "Não sei se vou poder voltar ao trabalho." Somente há uma semana, ele conseguiu a licença-saúde, bancada pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

Apesar da Lei 8.213/91 (*Plano de Benefícios da Previdência Social*), que concede ao empregado acidentado estabilidade provisória de um ano após concessão de licença superior a 15 dias, o medo preenche as noites insônes de Francisco. "As empresas não cumprem as determinações legais", diz Edgar de Paula Viana, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção e do Mobiliário de Brasília (Sindicato da Construção Civil).

LEMBRANÇAS DOLOROSAS

De concreto, muita nostalgia. O servente de serviços gerais Francisco Rocha dos Santos lembra um acidente que aconteceu há pouco mais de um ano no canteiro de obras da Procuradoria Geral da República.

Nele, o carpinteiro Vítorio José Neto, de 41 anos, caiu de uma altura de 12 metros (terceiro piso) e morreu. "O Vítorio era um bom companheiro. Ninguém esperava quando ele morreu. A gente sentiu muito a perda. Foi difícil trabalhar depois", confessou.

Por que tantos acidentes? De acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em seus artigos 154 a 200, o tema é de responsabilidade de empregadores e empregados. Sabe-se, porém, que há resistências quanto ao cumprimento das normas de segurança nos canteiros em ambos os lados.

As ocorrências fatais mais freqüentes no DF, segundo a Delegacia Regional do Trabalho, são quedas em fossos de elevadores, soterramentos e choques elétricos. Aliás, descarga elétrica foi a causa da morte de três operários no mês de março (*veja memória*). Gente que madrugava para o trabalho, mas que pagou ou pela falta de informação ou pela negligência dos empresários.

Caso de Geneci da Silva Nava, 27 anos. "O Maranhão (como Geneci era conhecido) tinha muita prática", explica o colega José Zuza Neto, 44 anos, pedreiro, que presenciou o acidente. Há 13 anos na construção civil, Neto nunca tinha visto um companheiro morrer no trabalho e confessa ter muito medo de sofrer algo parecido.

A "prática" dos dois pedreiros, porém, pode ser a explicação para a morte de Maranhão. Segundo os peritos da Polícia Civil, os dois serventes não usavam qualquer equipamento de segurança. "Tem cinto, luva e capacete tudo aí, mas a gente nunca deu muita bola para essa história", revela.

CONVIVÊNCIA COM O MEDO

A CONSTRUÇÃO CIVIL TEM NÚMERO ELEVADO DE ACIDENTES DE TRABALHO, MUITOS CAUSADOS POR DESPREPARO E DESATENÇÃO

Fotos: Carlos Vieira



A utilização de equipamentos como capacetes, cintos e luvas é essencial para a garantia da segurança do trabalhador nas obras